

REVISTA PORTUGUESA de HISTÓRIA

tomo XXXIII

Portugal e Brasil
Rotas de Culturas
Volume II



COIMBRA 1999
FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

Fernando Pessoa - O Poeta Marrano

ANITA NOVINSKY
Universidade de São Paulo

*“Ser não é ser? O que eu sei do que eu serei
Se eu não sei, eu, o que eu sou?”^v*

*“Temos todos duas vidas
A verdadeira, que é a que sonhamos na infância
E que continuamos sonhando, adultos num substrato de névoa,
A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,
Que é a prática, a útil,
Aquele em que acabam por nos meter num caixão ”*

Fernando Pessoa

George Steiner escreveu, em um artigo publicado na revista *The New Yorker*, que o exército, o serviço público e a música figuravam no passado da família do poeta Fernando Pessoa¹. Vou me referir neste artigo a um *

¹“Quarteto”, in *Folha de S. Paulo. Caderno Mais!*, 10/11/1996.

Anita Novinsky

antecedente crucial e muito mais decisivo na trajetória da família Pessoa: o marranismo.

Há 30 anos venho pesquisando e levantando material sobre a família de Fernando Pessoa, desde os velhos tempos, quando o Arquivo Nacional da Torre do Tombo ainda se encontrava no belo Largo de São Bento. Foi aí que me confrontei pela primeira vez com os antepassados do poeta, através de um quadro genealógico que me foi oferecido por um jovem estudante, hoje eminente jurista, Antônio Vasconcelos Saldanha. As origens judaicas de Fernando Pessoa despertaram minha curiosidade e reuni dezenas de processos de membros da família, presos e penitenciados pela Inquisição, todos acusados de judaísmo. O trabalho acadêmico com seus infundáveis compromissos, impediram-me então de trabalhar com esses manuscritos, que guardei cuidadosamente no meu arquivo particular.

Há alguns anos tive o privilégio de visitar o Fundão, onde conheci o admirável crítico e jornalista Fernando Paulouro Neves, com o qual troquei algumas idéias sobre o meu projeto: escrever uma história do judaísmo no Fundão, particularmente da família de Fernando Pessoa. Foi então que Paulouro gentilmente me mandou um artigo, escrito há 16 anos, por Arnaldo Saraiva, intitulado “Fernando Pessoa e o Fundão². Nesse artigo lí uma frase que durante anos me voltava sempre a mente: “estudar a ascendência pessoana é bem mais do que satisfazer uma curiosidade mundana e bairrista, é perseguir pistas para o entendimento de um homem e de uma obra que hoje interessam a todo o mundo culto”. Nesse artigo Saraiva se refere também a um lado “obscuro” da árvore genealógica do poeta, e ao seu tetravô Sancho Pessoa da Gama, cristão-novo que foi preso pela Inquisição de Lisboa e saiu em Auto de Fé no ano de 1706³.

² *Jornal do Fundão*, 28/1/1983.

³ “*Processo da Inquisição de Lisboa n. ° 9478* ” Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Portugal, manuscrito.

Não há dúvidas que Fernando Pessoa conhecia a história de sua origem. Com certeza estava ao par das principais obras que foram escritas sobre os cristãos-novos durante o período de sua vida, como *História dos Cristãos-Novos Portugueses* de João Lúcio de Azevedo⁴, *Os Judeus em Portugal* de João Mendes dos Remédios⁵, *Consolação as Tribulações de Ysrael* de Samuel Usque - editado por Mendes dos Remédios⁶. Antônio Baião já tinha revelado os tesouros retidos nos Arquivos do extinto Tribunal⁷ e Alexandre Herculano era conhecido pelos eruditos da época⁸. Então, porque Fernando Pessoa não assumiu abertamente sua condição de Judeu? Suas origens judaicas de um lado e seus pronunciamentos anti-clericais de outro o colocavam exatamente no mesmo lugar que seus antepassados cristãos-novos, hostis a Igreja e marcados por um estigma muitas vezes impenetrável.

É possível, até provável, que Fernando Pessoa não conhecia a perseverança com que os membros de sua família mantiveram-se judeus. Mas um enigma permanece: Fernando Pessoa tomou dos marranos inúmeros aspectos de sua vivência e de sua psicologia. Diversos trabalhos que publiquei mostram, em traços marcantes, a condição e a psicologia marrana: os heterônimos, a ânsia de fugir, a angústia do jogo, a dualidade do “ser”, a busca de uma identidade⁹. O conhecimento do destino que

⁴ ed. Lisboa, 1921.

⁵ ed. (2 vol.) Coimbra 1895 e 1928.

⁶ ed. Coimbra s/d.

⁷ *Cenas Dramáticas da Inquisição Portuguesa*, 1.º vol. Ed. 1919; 2.º vol. 1924; 3.º vol. 1938. Baião já tinha publicado trabalhos sobre a Inquisição Portuguesa em 1907, 1912, 1925.

⁸ *Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, 3 vol. Edições de 1854, 1855, 1859.

⁹ Ver Novinsky, Anita, “Cristãos Novos no Brasil: Uma Nova Visão do Mundo”, in *Mélanges offerts à Frédéric Mauro*, ed. Calouste Gulbenkian vol. XXXIV, Arquivo do Centro Cultural Calouste Gulbenkian. Ed. Lisboa-Paris, 1995, pp. 387-397; “Some Theoretical Considerations about the New Christian Problem” in *The Sephardi and Oriental Jewish Heritage, The first Congress on the Sephardi and Oriental Jewry*.

tiveram os judeus de sua família, o “drama em gente”, parafraseando o próprio Pessoa, abre um novo cenário para o entendimento do universo pessoano, e introduz personagens, cuja alma vem curiosamente retratada por Fernando Pessoa. E responde também a dúvida colocada por Amaldo Saraiva, de que apesar de psicologicamente “o lado Pessoa ser no que mais se afirma a personalidade do poeta, a família Pessoa sempre esteve “ausente” na sua vida social. “Corpo” e “Psiquê” remetem, na obra pessoana, diretamente a essa “ausência”, que está sempre “presente”^{10 11}.

Maria Tereza Rita Lopes no prefácio a *Poésies et Proses de Alvaro de Campos*, refere-se a uma nota auto-biográfica que Fernando Pessoa escreveu, no ano de sua morte, (1935), na qual não se esqueceu de juntar: “Ascendência geral: uma mistura de nobres e judeus”^{10 11}. Contudo não foi com muita simpatia que Fernando Pessoa respondeu ao Dr. Carlos Lobo de Oliveira, quando este lhe mostrou sua árvore genealógica, em que provava sua ascendência judaica. Contrariado, Fernando desabafou: “Preferiria não a ter, mas não é por isso que vou me atirar no Tejo”¹².

Jerusalém, 1982, pp. 3-12; “Jewish Heresy in Colonial Brazil in the Light of New Documents” in *Proceedings of the Sixth World Congress of Jewish Studies*, vol. 2, Jerusalém, 1975, pp. 111-121; “Sistema de Poder e Repressão Religiosa. Para uma interpretação do fenômeno cristão-novo no Brasil” in *Anais do Museu Paulista*, ed. Universidade de S. Paulo, tomo XXIX, S. Paulo, 1979, pp. 5-12; “Consideraciones sobre los cripto-judios hispano-portugueses. El Caso del Brasil” in *Judios, Sefarditas, Conversos. La expulsión de 1492 y sus consecuencias*, ed. Angel Alcalá, edit. Ámbito 1995, pp. 513-522.

¹⁰ Saraiva, *op. cit.*; Maria Lucilia Lencart, em estudo genealógico sobre Fernando Pessoa, inclui um item “Os Pessoa e a Inquisição”, onde faz referência a nove membros da família do poeta que foram presos pela Inquisição, sem contudo analisar seus processos. Afirma que algumas vezes Fernando Pessoa visitou seus parentes em Faro. *O Timbre do Brasão dos Pessos. Do Algarve nasceu Fernando Pessoa*, ed. da autora. Faro, 1987, p. 169.

¹¹ ed. De la Différence, Paris 1989, p. 9.

¹² Apud L. P. Moitinho de Almeida, *Fernando Pessoa no Cinquentenario de sua Morte*, Coimbra, ed. Ltda. 1985, p. 100.

Fernando Pessoa - O Poeta Marrano

Desde sua volta definitiva a Portugal em 1905, até sua morte, Fernando Pessoa sempre se mostrou averso à Igreja Católica, conforme nos mostra Tereza Lopes, em uma carta ainda inédita que Pessoa escreveu ao Cura da Paroquia onde foi batizado, qualificando a Igreja Católica de “poderosa e estúpida, irracional e decrépita”¹³.

Pessoa conhecia a acirrada luta dos sionistas e a controversa “questão judaica” tão em voga em seu tempo. Sempre se interessou “pelas teorias e práticas judaicas”, como lembra Tereza Lopes¹⁴. Mas o que queria dizer Álvaro de Campos quando, numa entrevista fictícia, jamais publicada, anuncia o “Futuro Império de Israel”, ao qual devemos aderir em massa?¹⁵ Fernando Pessoa sentia a “alma errante” como uma nostalgia da Terra Prometida, que sempre esperava por uma redenção. Peregrinou através de todas as crenças, buscou resposta em todas as mensagens e filiou-se a todas as seitas: Rosa Cruz, Maçonaria, Templários, Cabalistas e tantas outras sem contudo nunca se encontrar. No messianismo judaico do Padre Antônio Vieira encontrou uma inspiração¹⁶.

Curiosamente Fernando Pessoa calcou na história dos cristãos-novos seus heterônimos assim como a essência psicológica e dramática de seus personagens. Os heterônimos, semi-heterônimos desdobravam-se, como diz José Augusto Seabra, não só com nomes portugueses mas estrangeiros¹⁷, assim como os marranos que se expatriavam e adotavam dois, três nomes, hebraicos, italianos, alemães, holandeses, ingleses. Os nomes de seus antepassados encontram-se nos Registros inquisitoriais, acusados de judaísmo, desde os princípios do século XVII, mas sua origem remonta

¹³ Lopes, *Poesias et Prosas*, cit. p. 11.

¹⁴ Lopes, *Ibid.* cit. p. 12.

¹⁵ *Ibid.* p. 13.

¹⁶ Sobre Pessoa e Vieira veja-se o magnífico capítulo de J. Augusto Seabra, “Dois Profetas Messiânicos” in *O Heterotexto Pessoaano*, ed. Perspectiva, São Paulo, 1988, pp. 81-97.

¹⁷ Seabra, *O Heterotexto... cit.* p. 139.

Anita Novinsky

aos tempos da conversão forçada de todos os judeus ao catolicismo, em 1497. Ameaçada, uma parte de sua família fugiu para o Brasil. Nas Minas Gerais viveram, no século XVIII, três sobrinhos de seu tetravô Sancho Pessoa: Martinho da Cunha de Oliveira, Manoel Pereira da Cunha e Miguel da Cunha.

Contar sobre Martinho da Cunha Pessoa de Oliveira, é dar vida aos personagens pessoanos. Criado no Fundão, pertencia a uma numerosa família de tradicionais judeus clandestinos. A partir dos 13 anos, idade em que os cristãos-novos revelavam aos filhos o “grande segredo”, Martinho passou a viver duas vidas: a de “fora” e a de “dentro”. Viveu um “outro” e tentou continuamente ser esse “outro”. Talvez essa dualidade tenha levado Martinho a se tornar artista de teatro. Participou da “sociedade secreta” dos marranos no Fundão, até aos 20 anos, quando em 1713, a Inquisição o prendeu¹⁸. Vive então uma nova farsa: se dobra perante os Inquisidores, pede perdão, simula seu arrependimento e é reconciliado no auto de fé de 6 de agosto desse mesmo ano. Sonhou então em fugir, procurar outros mundos e foi para o Brasil, onde permaneceu 25 anos. Em Minas Gerais ingressou na “sociedade secreta marrana” que já era numerosa e onde Martinho encontrou amigos e parentes do Fundão. Tira então a máscara de “reconciliado” e volta a sua antiga vida de judeu secreto. Fez fortuna nos negócios de diamantes, andou por distantes e desertos sítios, mas um dia resolveu outra vez partir! Voltar! Voltar para o Fundão! No lugar de Freixoso e a vila de Covilhã montou fábrica de “tingir panos”. E no teatro do Fundão representava comédias e trocava novamente as máscaras. Dois anos depois de ter voltado para o Fundão, uma nova onda de prisões levou a família, irmãos, amigos para os cárceres da Inquisição. Os cristãos-novos

¹⁸ *Inquisição de Lisboa. Processo n.º 8106. Martinho da Cunha de Oliveira, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Portugal, manuscrito.*

sabiam que uma vez alguém da família preso outros o seriam em seguida. Martinho só vê um caminho: outra vez fugir! Planeja tudo, avisa os membros da família ameaçados, trata com o cônsul de Hamburgo em Lisboa. Pagou alta soma a um piloto português para transportar o grupo até uma nau estrangeira, que os levaria para onde “pudessem ser livres para seguir religião de seus pais” que ainda carregavam em seus corações¹⁹.

Numa noite, às 8 ou 9 horas, vinte e seis pessoas entre homens, mulheres e crianças reuniram-se no sítio de Bela Vista levando seus trastes, baús com roupas, moveis, camas e outros pertences. O piloto português, Antônio da Silva, fragateiro, devia transportá-los até fora da Barra, onde os esperava a nau estrangeira. Mas o destino mudou-lhes os planos. Um barqueiro de Seyxal os denunciou. Quando já se encontravam na direção das Torres, foram todos presos e obrigados a voltar. Faziam parte do grupo entre outros, André Nunes mercador, com sua mulher e três filhos, Teodosio, José e Manuel todos do Fundão; uma família de Benavente; Manuel Nunes Sanches com um sobrinho homónimo; outra família do Fundão, cuja mulher se chamava Ana Pereira, solteira, irmã de Branca Pereira; a viuva de João Cruz sapateiro e seus filhos; Antônio da Cruz, fundidor, Francisco da Cruz. Viu-se assim a pobre gente do Fundão novamente lançada a terra, suas arcas arrombadas pelos barqueiros que lhes levaram seus bens, extorquiram-lhes dinheiro, os enganaram e por fim os abandonaram. Foram todos levados para os cárceres inquisitoriais, onde Martinho deu entrada em 2 de Março de 1746.

Martinho Pessoa da Cunha de Oliveira foi acusado do mesmo crime que sua família, durante dois séculos: ser judeu. Procurou enganar os Inquisidores e nas diversas sessões que com ele fizeram, negou sempre

¹⁹ *Ibid.*

ser judaisante. Apresentou contraditas, nomeou gente de prestígio, todas cristã-velhas, que quando consultadas pelos Inquisidores confirmaram que Martinho sempre fora bom cristão e praticava todas obrigações da Igreja. Dava dádivas a Igreja e era Mordomo e irmão na Igreja de S. Pedro na vila de Covilhã. Martinho procurou provar que todos o acusaram falsamente. Nada lhe valeu. Pesavam sobre ele gravíssimas acusações: era “relapso”, tentara “fugir” e era “fautor” de hereges, isto é, encobria seus cúmplices. Vencido pelas ameaças e pelo medo, Martinho acabou “assumindo” o crime e confessou que praticara a religião judaica desde os 13 anos de idade, tendo sido ensinado por um parente, Manoel Neves. Seguiu a Lei de Moisés no Fundão, em Castelo Branco, em Idanha Nova e também, nas Minas Gerais nos sítios de rio Jequitinhonha, Guara-piranga, Mina dos Fanados, Serro Frio, sítio do Tijuco, onde fazia parte da “Sociedade Secreta dos Marranos”, freqüentada também pelos seus irmãos Miguel da Cunha, Manuel Pereira da Cunha e por João de Matos Henriques, Antônio de Sá de Almeida, Luís Mendes de Sá e outros cristãos-novos, todos presos²⁰.

Um de seus amigos de Minas Gerais, que o denunciou, Luís Mendes de Sá, foi marcado por um destino estranho: nasceu nos cárceres da Inquisição de Coimbra e morreu queimado, 30 anos depois, no auto de fé de Lisboa de 18 de outubro de 1739²¹.

Os juizes consideraram Martinho da Cunha convicto, relapso, negativo e pertinaz. Ordenaram que lhe fossem confiscados todos seus bens, que foram repartidos entre os Cofres da Coroa e da Igreja. No dia 22 de Abril de 1747 o réu recebeu no cárcere o Licenciado Tomas Feio Barbudo, que o notificou, em nome dos senhores Inquisidores, que “no domingo

²⁰ *Ibid.*

²¹ **Inquisição de Lisboa. Processo n.º 5325. Luis Mendes de Sá. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Portugal, manuscrito.**

Fernando Pessoa - O Poeta Marrano

próximo, que se conta vinte e quatro deste mês, iria ao Auto Publico ouvir sua sentença, pela qual estava “relaxado a justiça secular”. Os guardas do cárcere lhe ataram as mãos. Martinho Pessoa da Cunha Oliveira foi queimado em 24 de Abril de 1747, depois de passar um ano, um mês e 22 dias nos cárceres da Inquisição²².

Os processos da família de Fernando Pessoa revelam a persistência de uma velha tradição fundoense: o judaísmo. Esse judaísmo se caracterizava muitas vezes por um amargo ceticismo, mas marcado por uma forte identidade judaica, que durante gerações foi transmitida aos seus descendentes. Nas sexta-feiras, enchiam-se de festa as casas do Fundão, quando se acendiam as candeias com “troxinhas de estopa” pelas almas de seus queridos que foram sacrificados pela Igreja. As tradicionais cerimoniais eram seguidas sempre no interior de suas casas, transformadas em Templo: o jejum, no chamado “Dia Grande” (Yom Kipur) que caía no mês de Setembro, quando lavavam todo o corpo, cortavam as unhas dos pés e das mãos, vestiam roupas novas. Guardavam os sábados, não comiam carne de porco, não acreditavam nos dogmas da Igreja, esperavam o Messias, “como os judeus esperam”. Os Pessoa do Fundão conheciam oralmente as orações judaicas, que sempre louvavam a um só Deus.

Desde o nascente até o Poente
Seja Deus louvado para todo sempre
A quem servirei que me dê bom pago?
A Deus do céu bendito e louvado
Deitei os olhos a Deus do Campo
Louvado seja Deus, que tudo é Santo.

Para compreendermos o marranismo de Fernando Pessoa é preciso entender o que foi realmente o fenômeno marrano em termos de exis-

²² **Processo de Martinho da Cunha, *cit.***

Anita Novinsky

tência, de um “sentimento do mundo”. Podemos ver na extraordinária criatividade inventiva de Pessoa o “ser” marrano, no sentido em que o foram Santa Tereza de Jesus, Montaigne e Spinoza, conforme nos mostrou Edgar Morin²³.

As múltiplas personalidades em que se dividiu Fernando Pessoa refletem as múltiplas vidas que tiveram os marranos. Seu mundo fragmentado foi o mundo fragmentado de todos os portugueses que tinham origens judaicas, vivendo aos pedaços, sem nunca poder ser “eles mesmos”.

“O bom português é varias... Nunca me sinto tão portuguêsmente eu como quando me sinto diferente de mim”²⁴

Em que medida Fernando Pessoa não se inspirou na sua própria história e de seus antepassados para criar seus personagens? É uma questão que permanece.

Ler sobre a vida de Martinho da Cunha é fazer viver um personagem pessoano. Estava sempre a representar, a jogar na vida, como no palco. O marrano, como mostrei em artigo já publicado, tinha sempre de jogar, como Ricardo Reis, jogar com a sorte, jogar com as palavras, jogar com os Inquisidores. Desde cedo ensinava seus filhos a jogar. E tinha de ganhar sempre pois perder lhe seria fatal²⁵.

Para o marrano, o que ele “era”, lhe pesava como um estigma. Tinha sempre de “parecer”. Parecia”, mas no fundo era “nada”. Passava de uma terra a outra, Espanha, Holanda, França, Italia, Brasil, mas o abismo

²³ *Mes Démons* - ed. Stock, Paris, 1994, p. 139 e seg.

²⁴ Seabra, *O Heterotexto*, cit. p. 139.

²⁵ “Os Cristãos-Novos no Brasil. Um Resgate Histórico” in *Os Judeus Portugueses entre os Descobrimentos e a Diáspora*, ed. Fundação C. Gulbenkian, Lisboa 1994, pp. 163-165. Deve ser corrigido um engano de impressão na edição de 1994. A página 14, 2.ª coluna, 4.º parágrafo, leia-se sempre “jogar” em vez de “pagar”.

Fernando Pessoa - O Poeta Marrano

o atraía e muitas vezes acabava voltando para a pátria, como Martinho Pessoa, para morrer:

“Não posso estar em parte alguma. A minha pátria é onde não
estou”²⁶.

Quem entendeu e penetrou tão profundamente na alma marrana como Pessoa?

“quem que seja português pode viver a estreiteza de uma só
personalidade, de uma só nação, de uma só fé”²⁷

O mundo dividido de Fernando Pessoa não é o mundo dividido de seus avós, bisavós, tetravós? O marrano estava sempre a procura de seu Deus. Onde encontra-lo?

“Há em cada canto de minha alma
Um altar a um Deus diferente”²⁸

Forçado a viver em um mundo sem fazer parte dele, o marrano tomou-se aquilo que os Inquisidores queriam que ele fosse: judeu. Assumia sempre a culpa, mesmo se fosse inocente, como a história do índio Zuni, mencionado por Levi Strauss, que foi acusado de ser feiticeiro. O índio nega, nega sempre ter poderes mágicos, até que vendo-se perdido e ameaçado pelos juizes resolve assumir o crime, e confessa, sim, era mesmo um feiticeiro! os Juizes, satisfeitos, o absolvem. Mas “em que medida, pergunta Levi Strauss, o índio Zuni não se tomou deveras um feiticeiro?”²⁹ Quantos marranos inocentes depois de penitenciados se

²⁶ **Lopes, Maria Tereza Rita**, *Fernando Pessoa et Le Drame Symboliste: Heritage et Création.*, ed. Fundação C. Gulbenkian, Centre Cultural Portugais, Paris, 1985, p. 337.

²⁷ **Seabra**, *O Heterotexto... cit.*, p. 96.

²⁸ **Lopes**, *Fernando Pessoa et le Drame... cit.*, p. 415, n. 24.

²⁹ **Stevenson, M.C.** “The Zuni Indians”, 23rd. Annual Report of the Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution, Washington, 1905 apud Lévi-Strauss *Antropologia Estrutural*, Rio de Janeiro, 1970, p. 191.

Anita Novinsky

tornaram realmente judeus? Tereza Rita Lopes caracterizou os personagens sob os quais Álvaro de Campos se revelou, como o ator e o espectador, o que vive e o que se vê viver, e que muitas vezes se deixa levar pelo papel que ele representa e se identifica à ficção que ele está para criar³⁰. Para o marrano a fuga de si mesmo é impossível

“E deste medo, desta angustia, deste perigo do ultra-ser,
Não se poder fugir, não se poder fugir, não se poder fugir”³¹

“Eu sou o que sempre quer partir
E fica sempre, fica sempre, fica sempre
Até a morte fica, mesmo que parta, fica, fica, fica”...³²

Na solidão da cela o marrano se debate: o que dizer? O que confessar? a quem acusar? Pede audiência, denuncia pais, irmãos, amigos. Volta a cela, a consciência o tortura, pede nova audiência e nega tudo o que disse. Pede nova audiência e toma a revogar o que havia dito. Quantas vezes hesita e oscila entre esse ir e vir? O “Livro dos presos que se mataram na prisão” lembram:

“Se te queres matar, porque não te queres matar”³³

E o pobre Martinho, marrano, eternamente a se despedir... de “mãos atadas” a subir no queimadeiro,

“Adeus, adeus, adeus, toda a gente que não veio despedir-se de mim
Minha família abstrata e impossível...
Adeus dia de hoje, Adeus apeadeiro de hoje, adeus vida, adeus vida”³⁴

³⁰ Lopes, *Fernando Pessoa et le Drame... cit.*, p. 358.

³¹ *Ibid.*, p. 385, n. 214; 377 n.º 186.

³² *Ibid.*, p. 388, n.º 223.

³³ *Ibid.*, p. 367, n.º 159.

³⁴ *Ibid.*, p. 378, n.º 190.

Fernando Pessoa - O Poeta Marrano

E numa captação genial do outro, que é o outro e é o nos:

“Ali... Ali vai a conclusão
Ali, fechado e selado,
Ali, debaixo do chumbo lacrado e com cal na cara
Vai o que pena como nós,
Vai o que sentiu como nós,
Vai o nós!
Ali, sob um paño cru acre e horroroso,
Como urna abobada de cárcere
Ali, ali, ali... E Eu?”³⁵

Nos personagens pessoanos o mundo fictício, secreto, fingido permeia os versos e as entrelinhas. Nos personagens marranos, a realidade concreta é o jogo, a simulação. A busca continua de novas mensagens é também o paradigma da angústia marrana. No seu inconformismo com a vida e o mundo, Pessoa legou, como diz João Gaspar Simões, uma divisa para a eternidade³⁶, que transferimos do mártir Grão Mestre dos Templários para os tempos obscuros de Portugal inquisitorial: “o combate aos três assassinos - a Ignorância, o Fanatismo, a Tirania”.

A impossível reconciliação entre o que “é e o que parece ser” é símbolo do mundo marrano e do mundo pessoano. A extraordinária criatividade de Fernando Pessoa talvez lhe tenha vindo de seu destino marrano. Sonhou com a liberdade, com o Messias, com a redenção. Mas a liberdade é uma ilusão, e o Messias nunca veio. Mesmo conhecendo suas origens judaicas Fernando Pessoa nunca assumiu a identidade judaica. Mas nos seus múltiplos “outros” se assumiu como marrano.

³⁵ *Ibid.*, p. 377, n.º 186.

³⁶ “Vida e Obra de Fernando Pessoa”, Lisboa, 1951, vol. II, p. 362, apud Seabra, *O Heterotexto... cit.*, p. 145, nota 42.